

Carlos Francisco defende cautela nas privatizações

Economista alerta para a necessidade de adoptar políticas de *compliance* antes de vender empresas. **P14**



Brunch with... Fátima Almeida

Fundadora do BAYQI explica o 'segredo' do sucesso da plataforma de e-commerce lançada em 2016. **P28**



Sete artistas revisitam as mostras de 2017

Galeria Tamar Golan arranca 2018 com exposição retrospectiva do ano passado. **P22**



Mercado

WWW.MERCADO.CO.AO

FINANCE AND ECONOMY

19.01

Director: **Aylton Melo**
Sexta-feira 19 de Janeiro de 2018

Ano **3** Número **138**
Periodicidade: **Semanal**
Preço: **500 Kz**

ENERGIA, ÁGUA E TRANSPORTES

Subsídios às empresas sob escrutínio

Empresas que recebem subsídios a preços têm de mostrar à equipa económica do Governo o que vendem e a quem. Executivo quer perceber quem precisa mesmo de apoio estatal. **P34**



Archer Mangureira
Ministro das Finanças



Manuel Nunes Júnior
Ministro de Estado do Desenvolvimento Económico e Social



Pedro Luís da Fonseca
Ministro da Economia e Planeamento

MUNDO FINANCEIRO



Petróleo toca os 70 USD/barril **P4**

PERDÃO FISCAL

Saiba tudo sobre o repatriamento de capitais

Juristas ouvidos pelo *Mercado* explicam como funciona o Regime Extraordinário de Regularização Tributária e Cambial proposto recentemente pelo Banco Nacional de Angola. **P16**

FINANCIAMENTO PÚBLICO

Yields das eurobonds angolanas em forte queda, nova emissão a caminho

Os juros das *eurobonds* angolanas, lançadas em 2015, a 9,5%, estão em 6,4%, reflectindo a subida do preço do petróleo e o novo clima político do País. Entretanto, o Governo prepara uma

nova emissão, neste ano, tirando partido do "apetite" que há no mercado sobre estes instrumentos, e para ajudar a aliviar a pressão sobre a dívida de curto prazo, apurou o *Mercado*. **P10**



Fazer Operações Bancárias através do Telemóvel?

ATLANTICO

Valores para vinds.

#EuPosso

923 168 168

Visite-nos no Facebook

BANCO MILENARIUM ATLANTICO

Opinião

Ferrero Negócio nos EUA

O grupo de doces Ferrero anunciou ter comprado por 2.800 milhões USD a divisão de chocolates da Nestlé nos EUA, tornando-se na terceira maior companhia de confeitaria naquele país. Segundo a Ferrero, o negócio agora fechado permitirá ao grupo aumentar o seu portefólio de produtos "com um gama de doces e marcas icónicas".

Gás natural: a energia incontornável

Rui Amendoeira

Advogado e especialista em assuntos petrolíferos

De todas as fontes de energia existentes na Terra, o gás natural é, provavelmente, aquela que gera sentimentos mais ambíguos e indefinidos. A narrativa imposta pelo pensamento 'politicamente correcto' em matéria de energia afirma que existem fontes 'boas' e 'más'. As más integram o carvão e o petróleo. As boas são representadas pela água, o vento, o sol, as plantas e as árvores. Uma são apelidas de 'não renováveis', e outras, de 'renováveis', ainda que, em bom rigor, todas sejam não renováveis, posto que um dia, esperemos que muito distante, a Terra e o Sol também irão desaparecer. Esta dicotomia entre fontes de energia boas e más, limpas e sujas, verdes e negras, está de tal modo enquistada no discurso político, social e até científico, que adquire o estatuto de verdade inofismável. Ainda que uma análise cuidada, e despida de preconceitos ideológicos, sobre o saldo final das várias fontes, considerando todos os factores envolvidos (económicos, sociais, ambientais, etc.), mostre que nem as fontes boas são assim tão boas, nem as más assim tão más.

O gás natural é sem dúvida um recurso valioso para o futuro de Angola

Nesta visão binária, o gás natural é uma espécie de *swing energy*, ora vista como ambientalmente mais limpa que o carvão e o petróleo, ora considerada um obstáculo ao pleno desenvolvimento das energias renováveis. Os ambientalistas mais radicais desconfiam do gás natural, porque o vêem como uma espécie de cavalo de Tróia que os interesses energéticos instalados, nomeadamente as grandes companhias petrolíferas, utilizam para manter o *status quo* do domínio dos combustíveis fósseis e retardar a progressão das energias renováveis. Quem assim pensa gostava que a transição energética se fizesse por saltos quânticos e não graduais, como se toda a frota de Chevrolets a gasolina fosse instantaneamente trocada por Teslas eléctricas da última geração, sem espaço para quaisquer automóveis híbridos. Nesta visão voluntarista do mundo e da economia, o gás natural não é mais do que uma (muito) transitória etapa na inelutável marcha para o admirável futuro da energia totalmente limpa, abundante, segura e barata.

Na realidade, porém, o gás natural é um elemento essencial (porventura o mais decisivo) na equação energética do futuro, tanto ou mais do que já é no presente. Não sei qual será o peso de algumas energias renováveis no *mix* energético dos próximos 30 a 50 anos (mas desconfio que será menor que as optimistas previsões actuais indicam), como não sei qual o grau de resistência do carvão e petróleo (mas desconfio que seja maior do que essas previsões), mas não tenho dúvida de que a produção e o consumo de gás natural irão crescer significativamente. Basta atender a algumas (simples) tendências económicas, sociais e até tecnológicas para se perceber como o gás natural se ajusta perfeitamente a essas tendências. Várias regiões do mundo vão electrificar-se crescentemente (a maioria da população de África ainda não tem acesso a electricidade de rede) e o gás natural é uma fonte ideal para a geração dessa electricidade. A produção industrial (indústria química, fertilizantes, etc.) crescerá progressivamente, como sempre cresceu no passado, e também aí o gás natural é uma fonte de energia preferencial. Até no sector da mobilidade e transportes o gás natural vai fazer movimentar cada vez mais autocarros, veículos pesados, navios, entre outros.

Por outro lado, o desenvolvimento do gás natural está inserido na própria estratégia de transição para

as energias renováveis, na medida em que o gás permite colmatar o problema da intermitência de abastecimento da energia eólica e solar. As energias renováveis precisam da fiabilidade, constância e flexibilidade do gás natural, e assim será durante muito tempo. Embora de forma mais discreta e com menor reconhecimento público, o gás natural tem contribuído de forma mais efectiva para o abrandamento das emissões de CO₂ do que as próprias energias renováveis. Essa realidade é particularmente visível nos Estados Unidos, sobretudo a partir do aumento exponencial da produção de gás não convencional (*shale gas*). O gás natural faz parte da solução, não do problema, na estratégia de combate ao aquecimento global.

Em África, o gás natural foi desprezado durante décadas pelas companhias petrolíferas, investidores e até pelos poderes públicos. Os mercados nacionais ou regionais eram limitados e dificilmente permitiam a rentabilização dos elevados custos associados aos projectos de desenvolvimento de gás. A exportação do gás para mercados fora de África exigia investimentos massivos na construção das infra-estruturas de liquefacção (GNL) e transporte. Em consequência, o destino normal do gás africano era (e ainda é em parte) a queima, e assim se incineraram muitos biliões de dólares de riqueza potencial que nunca chegou a ser aproveitada. Progressivamente, este cenário vai-se alterando à medida que os mercados regionais crescem, por um lado, e os projectos de GNL se tornam viáveis pela crescente procura de gás nos mercados internacionais, sobretudo por parte dos países asiáticos. Tudo indica que o continente africano irá registar nas próximas décadas os níveis de crescimento mais elevados na produção, consumo e exportação de gás natural.

Não se conhece a verdadeira dimensão das reservas de gás de Angola, mas é seguro afirmar-se que se trata de um recurso economicamente valioso e que tem de fazer parte da estratégia de futuro desenvolvimento energético do País. Estão em curso iniciativas que visam criar um quadro legal e regulatório que estimule o desenvolvimento das reservas gasíferas de Angola. Trata-se de um projecto estratégico para Angola, seguramente um dos mais importantes que o actual Executivo pode (e deve) realizar. Do bom sucesso dessas iniciativas depende o futuro da indústria do gás em Angola. **M**

